

RELIGIÃO E TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: A DOMINAÇÃO PELA ESTULTIFICAÇÃO DAS CONSCIÊNCIAS

RELIGION AND THEOLOGY OF PROSPERITY: THE DOMINATION BY STULTIFICATION OF THE CONSCIENCES

RELIGIÓN Y TEOLOGÍA DE LA PROSPERIDAD: LA DOMINACIÓN POR LA ESTULTIFICACIÓN DE LAS CONCIENCIAS

Raimundo Sérgio de Farias Júnior¹

Lienne Moraes e Moraes²

Lana Larissa Moreira Braz³

RESUMO: O objetivo desse artigo é analisar em que medida a teologia da prosperidade reproduz sua dominação ao estultificar as consciências de seus seguidores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir da epistemologia do materialismo histórico-dialético, que realizou uma investigação empírica junto a fiéis de uma igreja neopentecostal localizada no município de Belém (PA). Os instrumentos de coleta de dados foram a observação direta e a entrevista semiestruturada. A pesquisa aqui apresentada e seus resultados apontam algumas sendas: a teologia da prosperidade reproduz sua dominação ao estultificar as consciências de seus seguidores.

Palavras-chave: Neopentecostalismo. Teologia da prosperidade. Teologia do Domínio. Estultificação das consciências.

ABSTRACT: The article has the objective to analyze which measure the theology of prosperity reproduces his domination to the stultifying the consciences of its followers. Concerns a qualitative study, using the epistemology of the dialectical historic materialism, which realizes a empirical investigation alongside a devotes of a neo-Pentecostal church situated in the municipality of Belém (PA). The data collection instruments has the direct observation and the semi-structured interview. The research presented here and its results point to some paths: the prosperity theology reproduces its domination by stultifying the consciousness of its followers.

Keywords: Neo-Pentecostalism. Theology of Prosperity. Theology of Dominion. Stultification of the consciences.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar en qué medida la teología de la prosperidad reproduce su dominación al estultificar las conciencias de sus seguidores. Se trata de una investigación cualitativa, basada en la epistemología del materialismo histórico-dialéctico, que realizó una investigación empírica con fieles de una iglesia neopentecostal ubicada en el municipio de Belém (PA). Los instrumentos de recolección de datos fueron la observación directa y la entrevista semiestructurada. La investigación aquí presentada y sus resultados señalan algunas sendas: la teología de la prosperidad reproduce su dominación al estultificar las conciencias de sus seguidores.

Palabras clave: Neopentecostalismo. Teología de la prosperidad. Teología del Dominio. Estultificación de las conciencias.

¹Doutor em Educação. Universidade do Estado do Pará. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Educação (PPGCR/PPGED), Universidade do Estado do Pará.

²Mestre em Ciências da Religião. Universidade do Estado do Pará.

³Mestre em Ciências da Religião. Universidade do Estado do Pará.

I INTRODUÇÃO

A teologia da prosperidade (TP) tem seu berço nos Estados Unidos ainda no século XIX. Ela tem operado sistematicamente, focada na comercialização da fé cristã, especialmente quando enfatiza o acúmulo de riquezas materiais na terra. Para Garrard-Burnett (2011), o discurso utilizado na América Latina pela teologia da prosperidade se assentou na promessa de uma vida abundante e reside nesse aspecto um dos elementos que foram favoráveis à popularidade dessa teologia, uma vez que, de certo modo, representou uma resposta parcial aos desafios de políticas econômicas neoliberais e das pressões da economia global (GARRARD-BURNETT, 2011).

Empregando uma agressiva técnica de marketing, essa teologia, conforme defende o Bispo Edir Macedo (líder da Igreja Universal do Reino de Deus), promete uma vida com abundância e a transformação miraculosa da vida, baseada na prosperidade e na riqueza material. Desse modo, entendemos que essa teologia está em sintonia com a mercantilização do sagrado e na qual a fé perde espaço para a promessa de prosperidade material.

Os reflexos dessa teologia repercutem na existência subjetiva dos indivíduos, especialmente em uma sociedade com posições fundamentalistas e negacionistas, e que ganham representatividade e visibilidade ao mesmo tempo em que a Ciência e a educação perdem espaço na formação das pessoas.

Assim, em grande parte, a teologia da prosperidade acaba dando uma expressiva contribuição para o aprisionamento das consciências. Essa teologia, por estar em sintonia com preceitos neoliberais (BOTERO; AGUIRRE; ALMEYDA, 2023), colabora com a reprodução do modo de produção capitalista. Dessa forma, podemos perceber que o atual estágio do capitalismo se alia à religião com o objetivo de capturá-la e transformá-la a seu favor, pois permite uma alternativa para curar, momentaneamente, o sofrimento subjetivo sofrido pelo homo economicus por viver como manda o sistema (BOTERO; AGUIRRE; ALMEYDA, 2023). Tendo em vista esse cenário, resumidamente apresentado, o objetivo deste artigo é analisar em que medida a teologia da prosperidade reproduz sua dominação ao estultificar as consciências de seus seguidores em uma igreja de orientação neopentecostal localizada no município de Belém (PA). Trata-se de uma investigação de natureza teórica e empírica. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação direta e a entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados conforme o emprego da análise de conteúdo.

2 TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: A FÉ COMO COMÉRCIO

Para Pizzi (2021), a fé se converteu num produto à la carte, isto é, uma espécie de serviço em que o cliente escolhe individualmente o tipo de prato ou serviços dispostos no menu, pagando por cada um deles. A fé, portanto, como tudo no neoliberalismo, transforma-se em uma mercadoria (PIZZI, 2021).

Para Sung (2014), estamos passando por um momento em que estamos diante de um mercado religioso e o mercado como religião, uma vez que as religiões, de um modo geral no mundo ocidental, se encontram subordinadas à lógica da economia de mercado, que se tornou o modo de pensar “natural” nos dias de hoje, inclusive para pensar a religião (SUNG, 2014).

Em conformidade com Pizzi (2021), no horizonte da sociedade capitalista, orientada pelas premissas do neoliberalismo, tudo (até mesmo a religião) se insere na lógica da concentração cada vez maior da riqueza. Nessa linha, o neoliberalismo reproduz uma estratégia política cujo objetivo é fortalecer a hegemonia da classe dominante economicamente. Nesse cenário, a fé se converte num produto que é comercializado nos templos religiosos, em particular pela teologia da prosperidade, especificamente quando germina sua doutrina em igrejas neopentecostais, encontrando expressiva adesão de inúmeras camadas sociais, especialmente as mais empobrecidas economicamente.

3

De acordo com Lemos (2017), a TP representa um aporte doutrinário, por meio do qual se exaltam as benesses da riqueza e do dinheiro, que seriam consequência da fé e obediência aos preceitos bíblicos (na interpretação da TP) e da frequente contribuição dizimal.

A TP, portanto, em conformidade com a análise de Lemos (2017), exerceu grande influência sobre o neopentecostalismo, especialmente quando a manifestação da fé e devoção divina foi sucedida pela promessa de prósperos empreendimentos, o que ajudou a acarretar um grande contingente de pessoas, também interessadas em concretizar o sedutor desejo de consumir. Segundo Campos (1999):

Há uma concepção milenarista aqui e agora que permeia tal teologia. Por isso consideramos a teologia da prosperidade uma acomodação da mensagem pentecostal a um novo estágio sócio-econômico da sociedade ocidental e que gera, não mais uma ética de poupança e investimento, como descreveu Max Weber, mas uma ética de consumo [CAMPOS, 1999, p. 10].

A reflexão iniciada por Campos (1999) enseja uma crítica radical da civilização capitalista-industrial moderna, particularmente quando entendemos que o capitalismo é uma religião fundada na fé. As economias de mercado, assim, não funcionam apenas como um sistema econômico, mas como uma religião parasitária e totalitária. Nessa linha, há uma íntima

relação entre capitalismo e religião, uma vez que o atual modo de produção emancipou os indivíduos consumidores de todo pecado. O capitalismo representa uma religião em que o dinheiro ocupa o lugar de Deus, que passa a ser venerado acima de todas as coisas.

E um aliado importante nesse processo é a busca incessante por saciar o desejo do consumo que, ao contrário do que supunha Weber, no contexto de secularização, vem sendo responsável por “reencantar” o mundo, mediado pelo dinheiro (objeto que garante a capacidade monetária para a obtenção da mercadoria e a satisfação do consumo).

A TP, ao prometer a conquista do sucesso e da riqueza material pela fé, dissemina a promessa de que, se o fiel tiver fé e contribuir financeiramente com a igreja, Deus, certamente, lhe proporcionará uma prosperidade proporcional à contribuição realizada. Trata-se da nua e crua comercialização da fé.

Se em algum momento se entendia que a adesão das pessoas a alguma religião tinha relação com o alívio de suas aflições, hoje – sobretudo com o aprofundamento das injustiças e desigualdades sociais, o empobrecimento e a marginalização de expressivos contingentes populacionais, acompanhados de um descrédito na política eleitoral, além de uma regressão na capacidade analítica/interpretativa de indivíduos escolarizados ou não –, um fator que mais fascina determinado grupo de pessoas é a promessa da prosperidade.

4

Nesse bojo, se insere, por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus que, associada ao movimento neopentecostal, conseguiu captar as perspectivas e anseios de uma camada populacional sedenta por escapar das precárias condições de vida e almejar a sonhada prosperidade:

A IURD é um movimento neopentecostal, que se propaga numa sociedade pluralista cujo campo religioso concorrencial e turbulento facilita o surgimento de entidades ágeis, sintonizadas com as necessidades e desejos de um público devidamente segmentado, formando assim seu próprio mercado, empregando para isso estratégias de marketing e de propaganda, que tomam corpo em uma retórica e teologia adaptáveis aos interesses de uma sociedade capitalista em processo de globalização [CAMPOS, 1999, p.3].

Observa-se, por conseguinte, que o sujeito encontra, dentro do movimento neopentecostal, a conformação da sua realidade, necessidades e desejos. A grande retórica e a teologia contextualizadas garantem, na teologia da prosperidade, a transformação da vida de seus adeptos e o alcance de sua ascensão material, esse discurso, por sua vez, seduz ilusoriamente. De acordo com o exposto, Marx (2013) compreende a religião como a felicidade ilusória do povo:

Ela é a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo [MARX, 2013, p. 151].

A religião seria entendida, nesse caso, como o alento necessário para fugir da realidade que oprime o indivíduo, uma válvula de escape para aqueles mais necessitados (e não exclusivamente para esse grupo). Para Marx (2013), essa essência humana emitiria um alerta, pois seria reflexo da própria miséria real, isto é, na verdade, a religião seria usada para ocultar a exploração e a opressão humana (CHAGAS, 2017). Essa compreensão seria a chave de interpretação da conjuntura atual, na qual a teologia da prosperidade ganha grande notoriedade como uma ideologia que causa a estultificação das consciências.

3 IGREJAS NEOPENTECOSTAIS E TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

O crescimento exponencial de igrejas neopentecostais é um fenômeno que ganhou grande notoriedade nas últimas décadas, essa vertente teria duas raízes: a do protestantismo de imigração, que durou do século XVI ao XIX, e a do protestantismo de conversão, que nasceu a partir do século XIX, nos Estados Unidos (DE ALMEIDA; MOREIRA, 2021). Pena; Zientarski (2022) também abordam que, a partir da segunda metade do século XX, essa denominação pentecostal cresceu e se expandiu para a forma predominante atual – o neopentecostalismo.

Com o crescimento das igrejas neopentecostais, as evidências da ascensão recíproca da ideologia, a teologia da prosperidade, difundida nessa vertente, também se tornaram aparentes:

O crescimento percentual dessas Igrejas, aglutinadas em torno das ideias da dita “teologia da prosperidade”, chegou entre os anos de 2000 e 2010 a ser cinco vezes maior que o crescimento da população brasileira como um todo. Os dados mostram que, na década de 1940, os evangélicos perfaziam 2,6% da população brasileira, passando para 3,4% na década seguinte, 4% em 1960, 5,2% em 1970, 6,6% em 1980, 9% em 1990, 15,4% em 2000, chegando a 22,2% em 2010. Mattos sustenta que pode-se concluir que o avanço evangélico deu-se principalmente sobre um recuo do percentual de fiéis católicos [Mattos, 2017, p. 145], que declinaram de 89,2% para 64,6% da população — queda de 24,6 pontos percentuais — entre 2000 e 2020. Enquanto isso, no mesmo período, os que se declararam evangélicos ao IBGE tiveram ascensão de 15,6 pontos percentuais, saindo de 6,6% para chegar, em 2010, à marca de 22,2% [PENA; ZIENTARSKI, 2022, p. 3].

Percebe-se, portanto, que o percentual de igrejas adeptas da teologia da prosperidade ganhou espaço em solo brasileiro ao mesmo tempo em que as igrejas católicas recuavam nos números. Pena; Zientarski (2022) notaram que o catolicismo perdeu influência nas localidades mais empobrecidas, pois tal fenômeno estaria, atualmente, envolto numa totalidade, ou seja, na

realidade da sociedade predominantemente capitalista. Em sintonia com o exposto, Mariano (2014) associa o pentecostalismo ao perfil socioeconômico do sujeito:

Com o propósito de superar precárias condições de existência, organizar a vida, encontrar sentido, alento e esperança diante de situação tão desesperadora, os estratos mais pobres, mais sofridos, mais escuros e menos escolarizados da população, isto é, os mais marginalizados – distante do catolicismo oficial, alheios a sindicatos, desconfiados de partidos e abandonados à própria sorte pelos poderes públicos –, têm optado voluntária e preferencialmente pelas igrejas neopentecostais. Nelas encontram receptividade, apoio terapêutico-espiritual e, em alguns casos, solidariedade material [MARIANO, 2014, p. 12].

De acordo com o exposto, vale ressaltar que o imaginário neopentecostal assume elementos para pensarmos que a constituição do imaginário pentecostal e neopentecostal se fundamenta em uma interpretação fundamentalista da bíblia (JUNIOR, 2023), atraindo os estratos mais pobres e marginalizados da população, que buscam superar suas precárias condições de existência e encontrar sentido em suas vidas. Essas pessoas, distantes do catolicismo oficial e abandonadas pelos poderes públicos, encontram nas igrejas neopentecostais receptividade, apoio terapêutico-espiritual e solidariedade material, o que as leva a optar voluntariamente por essas igrejas.

Esse grupo neopentecostal ocupa um lugar em destaque nessa discussão pela sua grande visibilidade na esfera pública, principalmente na mídia e na política. Essa adoção ideológica, mediada pela sociedade capitalista, explicaria a opção e a vinculação aos pensamentos da extrema direita, pois, segundo Pena; Zientarski (2022), o avanço dos movimentos ligados à TP seria simultâneo à implementação do neoliberalismo. Com isso, denominações religiosas disputariam a homogeneidade de uma visão de mundo ligada a essa lógica, tanto na educação quanto na sociedade:

A análise sobre a transformação da “religião privada” em “religião pública”, o fato de as instituições e organizações religiosas passarem a rejeitar o lugar restrito de pastorado das almas, incluindo, em suas agendas, questões relativas às interconexões entre a moral privada e a moral pública, questionando a imunidade do Estado e do mercado a considerações normativas externas. Mais importante: as religiões não estão apenas defendendo suas tradições, mas, na verdade, lutam pela participação nas definições das fronteiras modernas entre as esferas pública e privada, entre legalidade e moralidade, entre o que é do indivíduo e o que é da sociedade, entre família, sociedade civil e o Estado, etc [CAMPOS; NERI, 2020, p. 135].

A expansão da teologia da prosperidade como ideologia é evidente por algumas características se fazerem presentes no modus operandi da sociedade, como a valorização da prosperidade material, que seria obtida através da “fé”. Esse pensamento vem se moldando com o tempo, apresentando diferenças entre a vertente anterior, o pentecostalismo, e essa nova

roupagem do neopentecostalismo. Nesse viés, Mariz (1995) aborda que o neopentecostalismo desperta diversas críticas do pentecostalismo, e isso seria explicado através da reprovação de algumas instituições mais tradicionais em aceitar novos interlocutores, além da ausência de teologia, atrelando o seu sucesso à sua capacidade de construir um discurso que atrai a religiosidade popular, alcançando a matriz cultural de um povo pobre.

Podemos analisar que o grande enfoque do neopentecostalismo seria a conquista material, associada ao bom comportamento de seus fiéis, o que evidenciaria, portanto, um modelo de controle das ações e tomadas de decisões desses indivíduos. Esse controle pode ser atrelado à dicotomia de bem/mal, seguindo a lógica da trilogia enfatizada nessa teologia: cura, prosperidade e libertação (exorcismo) (MARIZ, 1995).

O discurso acerca do mal é comum nas pregações dos cultos de igrejas neopentecostais, a exemplo da IURD. Retomando a trilogia destacada por Mariz (1995), o culto de cura e libertação é enfatizado nesse âmbito e dá grande enfoque à representação do diabo na vida dos sujeitos da igreja, essas práticas discursivas são construídas pelas lideranças com o intuito de ordenar as relações sociais por meio de uma nova hermenêutica dos textos bíblicos (OLIVA, 2005). Nessa mesma direção, Oliveira Junior (2021) acrescenta que, ao decorrer desses cultos, o rito do exorcismo é agregado a esse tripé, sendo considerado o carro-chefe para a atração de seu público.

7

Os pastores lançam palavras aos ouvintes sobre os “encostos” que os molestam, com isso percebemos uso sincrético do espiritismo e a religião umbanda, pois usam em seus cultos palavras que remetem às essas religiões como: tomar banho de descarrego, óleo ungido, banho de sal grosso, entre outros vocabulários. Muito embora a IURD verbalize grandes críticas a essas religiões. Sobre a doutrina que é firmada através da fé, da oração e do exorcismo, aquele que busca pela Universal se libertará [Oliveira Junior, 2021, p.37].

Segundo Farias Júnior; Braz; Moraes (2025), apesar de a figura do Diabo ser evidente no catolicismo ocidental, é nas igrejas evangélicas, em particular as de orientações pentecostais e neopentecostais, que essa simbologia se intensificou significativamente. São evidenciadas as intencionalidades nas práticas discursivas de líderes dessa vertente. Com isso, essas lideranças estabelecem uma relação entre possessão/doença, que necessitariam do rito do exorcismo para a expulsão dessas “entidades”, sobretudo, propagam a necessidade imprescindível da conversão dos indivíduos para que a libertação aconteça, o que deixa subjacente o desejo na cooptação de mais fiéis. Algumas características de outras religiões são encontradas durante esses rituais, como aborda Oliveira Junior (2021), contrariando a aversão proferida a outras religiões.

Uma grande participação de jovens nessa vertente evidencia uma outra característica presente em igrejas neopentecostais: a busca por modernização. Essa estratégia é utilizada para atrair ainda mais pessoas da nova geração, visto que serão o futuro da instituição religiosa, tendo como grande foco a aproximação de indivíduos mais empobrecidos. Podemos evidenciar o movimento Dunamis como exemplo dessa busca da evangelização entre os jovens ancorada na “religiosidade midiática” (DIAS; ROMANCINI, 2022).

A intensa relação da juventude com a atualização da teologia da prosperidade reflete a sua própria intensidade nas relações sociais, configurando uma busca por acolhimento e fuga de problemas conflituosos tão presentes na vida do jovem, abrindo espaço para que os líderes religiosos acessem essa fragilidade e dominem as consciências sutilmente. Além disso, alguns mecanismos são adotados, como: “a atuação em universidades e escolas, com a formação de grupos de oração e de estudos, e na internet, com produção de conteúdo em redes sociais” (DIAS; ROMANCINI, 2022).

4 MÉTODOS

A investigação aqui apresentada segue a linha da abordagem da pesquisa qualitativa e no lastro do materialismo histórico-dialético e que procura avançar do pseudoconcreto para o concreto pensado (Kosik, 1986) no que concerne o objeto de investigação desse artigo. Inicialmente, realizamos um amplo levantamento bibliográfico na Base Scielo, Google Acadêmico, Plataforma Sucupira considerando a produção que versa sobre a temática nos últimos 10 anos. Posteriormente efetivou-se o recorte amostral do material enfatizando particularmente as questões chave inerentes a temática associada a investigação pretendida: Religião, teologia da prosperidade, neopentecostalismo.

Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo⁴ em uma igreja de neopentecostal orientada pela teologia da prosperidade no bairro mais populoso de Belém (Guamá) com fiéis ativos do templo cristão assinalado. Seleccionamos 10 seguidores escolhidos obedecendo aos seguintes critérios: A) ser frequentador assíduo do local do culto há pelo menos 5 anos; B) ter

⁴De acordo com o Art. 1º da Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016, que estabelece as normas aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com participantes, a presente proposta se enquadra nas hipóteses de dispensa de registro no sistema CEP/CONEP. O estudo alinha-se especificamente aos incisos I e V, por configurar-se como uma pesquisa de opinião pública com participantes não identificados, utilizar bancos de dados cujas informações são agregadas sem possibilidade de identificação individual, sem a finalidade estrita de produção de pesquisa científica inédita (BRASIL, 2016).

concluído a educação básica e C) não ter vínculo empregatício CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) nos últimos dois anos. A fim de cumprir rigorosamente com os preceitos éticos relacionados ao anonimato e à confidencialidade das informações coletadas, a identidade dos participantes foi preservada mediante a atribuição de números naturais, compreendidos no intervalo de 1 a 10. Esta forma de codificação não apenas contribui para a privacidade dos participantes, impedindo qualquer forma de identificação direta ou indireta, como também otimiza a sistematização e a análise dos dados.

Além desses critérios, procuramos também equilibrar a questão do gênero (5 homens e 5 mulheres) e adotamos o mesmo procedimento na questão étnico-racial, objetivando, assim, a diversificação dos informantes. Embora tenhamos optado por essa forma de diversificação de grupo de informantes, não encontramos diferenças expressivas no conteúdo das falas dos informantes.

No que tange à coleta de dados, utilizamos, primeiramente, a observação direta e, posteriormente, a entrevista semiestruturada, e ambos tiveram como base um roteiro preestabelecido e com questões previamente planejadas. Durante a observação, procuramos levantar informações objetivas, considerando, sobretudo, os critérios relativos à seleção dos participantes para a entrevista semiestruturada. A análise do material seguiu a senda da análise de conteúdo, foram escolhidas duas categorias de análise: a) negacionismo e b) posição política. Os resultados estão expostos nas seções que compõem este artigo.

9

5 A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E A ESTULTIFICAÇÃO DAS CONSCIÊNCIAS

Para Mariz (1995), o crescimento dessa teologia no Brasil e na América Latina retoma questões discutidas pelos clássicos da sociologia, como a economia (Durkheim), alienação de classe (Marx) e a racionalização (Weber). Desse modo, essa teologia assume um conjunto de elementos propícios para sua adesão e expansão, de acordo com a adoção da racionalização neoliberal (DIAS; ROMANCINI, 2022) como causa e pela alienação como efeito. O processo de estultificação através dessa ideologia tem crescido, com a maior presença do conservadorismo, além de alienar em massa, exercendo um grande poder em moldar e fabricar distorções nas consciências.

Podemos compreender esse processo de estultificação através do estímulo ao consumo (lógica capitalista) e ao entretenimento, que apresentam um padrão para ser comercializado de maneira imediata, ou seja, os produtos devem ser homogeneizados. Nesse processo, o próprio consumidor não é considerado um sujeito, mas sim um objeto. Pode-se associar, portanto, esse

estímulo ligado ao viés neoliberal à própria ideologia de prosperidade da TP, na qual seus adeptos são movidos à reprodução ideológica desse sistema, seguindo certos “padrões”, evidenciando um cenário determinista, de consumo e concorrência sobre as consciências.

Esses padrões têm sido adotados especialmente no interior das igrejas neopentecostais, adquirindo novas facetas e inovações para atrair seus consumidores (fiéis). Em sintonia com o exposto, para Dias; Romancini (2022), assim como já foi exposto, seria possível falar em “atualização” da teologia da prosperidade, isso porque, segundo os autores, anteriormente havia uma convergência entre a teologia e o neoliberalismo, porém, em “termos mais atuais”, em especial no Brasil, há uma aliança entre esses conceitos. Com o intuito de tornarem-se detentores dos meios de comunicação, as lideranças adeptas desse pensamento têm-se apropriado das grandes mídias, além de apresentar um alto investimento monetário nelas. De certa maneira, essa atualização, mediada pelo processo de industrialização, atingiu a produção dos conteúdos culturais, transformando-a em mercadorias, essa busca incessante por “coisas” e não por Deus tem transformado a religião em entretenimento, assim como o entretenimento tem sido a religião.

Esses meios de comunicação alcançaram um consumo de massa e se estruturaram de acordo com as relações sociais submetidas ao neoliberalismo, de tal maneira que apresentam um perfil fixo, caso contrário, são descartados. Em meio a essa conjuntura, a criticidade perde espaço em um âmbito regido pelo lucro, nesse caso, ideologias boas são também ideologias vendíveis, que atendem à demanda do mercado.

As ideologias de uma sociedade têm por base a ideologia de classes, não qualquer classe, mas a que detém maior poder (aquisitivo) em materializar seus pensamentos na materialidade concreta, evidenciando uma consciência deformada da realidade. Essas ideologias percorrem com mais frequência e, por vezes, de maneira imperceptível, como produto da indústria cultural, evidenciando o controle ideológico por seu magnetismo, popularizando pensamentos conservadoristas na sociedade.

A estultificação das consciências dos indivíduos torna-se efeito de todo esse processo de padronização de informações, isso porque “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985). O domínio não só religioso, mas também político pela religião, tem acontecido através desse processo de manipulação, evidenciando um controle em massa, que almeja a disseminação de maneira superficial das informações, no caso da teologia da prosperidade, de ideologias conservadoras, imbricadas ao ideal neoliberal, no qual,

não apresenta o compromisso com o fato em si, mas um conjunto sistemático de consciências e realidades deturpadas, além do crescimento exponencial da “desinformação” e “fake news”.

Em sintonia com o exposto, Horkheimer; Adorno (1985) abordam que a veracidade, nesse sistema, não passaria de um negócio, além da ideologia ser utilizada para legitimar intencionalmente o “lixo” que é produzido. Se essa padronização superficial emana uma problemática, sua relação com a perda da capacidade crítica do sujeito é capaz de instigar a aceitação de sua própria realidade (desigual), sem questionamentos ou posicionamentos, tornando estruturas sociais, que foram construídas ao longo da história, ainda mais dominantes.

Para consagrar tal percepção, seria necessário atingir uma “coesão”, que seria explicada a partir do círculo da manipulação e da necessidade retroativa na unidade do sistema (HORKHEIMER; ADORNO, 1985). Essa necessidade é capitalista e visa o lucro, molda o comportamento dos indivíduos e transforma a indústria em mercadoria, seja através de discursos de líderes religiosos apresentados na grande mídia e suas grandes publicidades, seja pelo seu engajamento nas redes sociais e até no âmbito musical gospel.

Podemos analisar, a partir dessa teoria crítica, que a teologia da prosperidade tem se conectado à indústria cultural. Ambas adotam um caráter neoliberal, uma ligada à prosperidade material que seria impulsionada pela devoção e fé, outra em que tudo vira produto e instrumento de mercantilização; no final, sua relação se evidencia na manipulação e no domínio das consciências, no controle e na perda da criticidade, reduzindo a fé e a religião a um mero “produto” de fácil comercialização, característica da “compulsividade da sociedade alienada de si mesma” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

Essa mistificação propagada na sociedade pode instigar desejos não necessários, mas estimulados pela padronização. A estultificação seria perigosa e promoveria um círculo vicioso em todos os âmbitos da sociedade; no caso da teologia da prosperidade, seus líderes religiosos, também envoltos na política, assumem o papel de “donos da verdade” para seus fiéis. O sujeito não buscaria outras fontes, sua fonte de informação seria exclusivamente seu pastor, o que compromete a autonomia do sujeito, em vez de tornar-se dono de suas ações, a passividade e a aceitação da realidade (desigual) tomam conta, contrariando o ideal de que “o progresso da estultificação não poderia ficar atrás do simultâneo progresso da inteligência” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 Teologia da Prosperidade e os Negacionismos

Em tempos de negacionismos, invoco uma conhecida citação de Adorno (1993) escrita na *Mínima Moral*: “À medida que o sujeito desaparece, ele nega tudo que não é da mesma espécie que ele” (ADORNO, 1993). É oportuno lembrar que, durante a pandemia da Covid-19, posições negacionistas foram amplamente disseminadas, especialmente em igrejas de orientação neopentecostal.

Os templos neopentecostais (e não apenas essa denominação religiosa) negaram, durante a recente crise sanitária, boa parte das advertências para o controle da proliferação do coronavírus, como, por exemplo, o isolamento social, o uso de máscaras e a eficácia das vacinas desenvolvidas para combater a disseminação da Covid-19 (ALMEIDA; GUERREIRO, 2021).

Em grande medida, o negacionismo religioso encontrou, em lideranças evangélicas, particularmente nas que eram base de apoio do Governo Bolsonaro, um instrumento de propagação da desinformação produzida pelo então presidente em seus pronunciamentos. Nesse bojo, as lideranças religiosas das igrejas exerceram considerável influência no que tange à compreensão sobre a recente crise sanitária que assolou o mundo, conforme podemos constatar nos fragmentos apresentados no Quadro 1:

12

Quadro 1 – Informações sobre a Covid-19

Nº	Respostas
FIEL 01	Não acreditei que a Covid fosse tudo isso que foi alarmado.
FIEL 02	Houve um grande exagero em relação a Covid.
FIEL 03	Houve a Covid, mas não foi tudo isso que foi noticiado.
FIEL 04	A Covid não matou tanto assim.
FIEL 05	Muitas doenças mataram mais que a Covid durante a pandemia.
FIEL 06	Os dados não eram reais. Isolamento social, uso de máscaras, nada disso impediu.
FIEL 07	Até hoje não me vacinei e nunca adoeci. E não faltei na igreja por causa disso.
FIEL 08	Acho que a Covid foi um grande alarde da mídia pra prejudicar o presidente.
FIEL 09	O presidente não se vacinou e nem usou máscara. Não pegou covid e tá bem vivo.
FIEL 10	A Covid foi uma grande invenção da mídia. Infelizmente muitos acreditaram nele e esqueceram de Deus.

Fonte: JÚNIOR, RS, et al., 2026.

Os fragmentos apresentados no Quadro 1 permitem-nos algumas inferências. Primeiro, realmente merece destaque a posição negacionista assumida em relação à crise sanitária da Covid-19. Esse tipo de consciência é construído e elaborado no conjunto de relações sociais que dão sentido e significado às existências desses indivíduos e indivíduos.

Nas Teses sobre Feuerbach, Marx (2019) destaca que a questão de saber se ao pensamento humano pertence a verdade “objectiva” não é uma questão da teoria, mas uma questão prática. A prática, então, a partir de uma base epistemológica sustentada no materialismo histórico-dialético, é o critério da verdade ou, conforme Kosik (1986), a possibilidade de alcançar o concreto pensado.

Nessa linha, todos os partícipes da pesquisa empírica informaram que tiveram parentes ou pessoas próximas que vieram a óbito em razão da Covid-19. Nesse sentido, por mais que tivessem proximidade com a prática, isso não foi suficiente para provocar uma nova interpretação sobre a crise sanitária, permanecendo, pois, a visão negacionista. Recorremos, nesse momento, a uma reflexão:

Em contrapartida, alguns dos principais líderes evangélicos brasileiros atuaram contra o isolamento social. Esses pastores oscilaram entre tratar a crise sanitária como uma praga diabólica para destruir o Brasil, tal como as dez pragas do Egito, e negar ou relativizar a gravidade da doença. Alguns entre eles profetizaram que o vírus não iria atingir o Brasil. Se chegasse, não contaminaria os evangélicos e as igrejas não seriam focos de surtos da doença, embora diversos casos tenham mostrado o contrário [GUERREIRO; ALMEIDA, 2021, p. 50].

Provavelmente, essa postura negacionista de muitas lideranças evangélicas em relação à crise sanitária da Covid-19 encontrava respaldo na postura assumida escrachadamente pelo outrora chefe do Estado brasileiro que, com frequência, contrariava as recomendações das autoridades médicas amplamente divulgadas em diversos canais de comunicação e por organizações médicas (OLIVEIRA, 2020).

Nessa linha, é imprescindível compreendermos melhor a persuasividade presente no discurso religioso (CAMPOS; VIEIRA, 2014), uma vez que persuadir perpassa a busca de adesão a uma determinada tese, perspectiva, entendimento, conceito de algo com o propósito de convencer alguém sobre a validade de sua narrativa.

Os participantes da pesquisa empírica ainda reforçaram que, depois da pandemia, passaram a duvidar de todas as vacinas e a confiar mais nas orações e livramentos, muito por conta da orientação do líder religioso de sua igreja. Esse fenômeno é evidenciado pelos relatos dos sujeitos, que priorizam a consulta espiritual antes da intervenção médica, como afirma o

Fiel 03: “Antes de qualquer medicação consulto meu pastor”. Essa dependência da validação institucional religiosa é corroborada por outros participantes, como o Fiel 05 que admite: “Eu evito me vacinar se não pedir ajudar à igreja” ou que manifestam abertamente o descrédito no sistema de saúde: “Desconfio sim de qualquer vacina. Minha confiança é na igreja” (FIEL 06). Em última análise, a hierarquia de proteção é redefinida pela crença na soberania divina, em que se questiona: “A vacina é segura? Não mais que o poder de Deus” (FIEL 09).

Essa forma de negacionismo tem avançado em nosso país e encontrou campo fértil para disseminação em posições fundamentalistas e que podem ser associadas a pautas políticas da extrema-direita, em particular nas manifestações de muitas lideranças políticas ligadas à frente parlamentar evangélica.

Nesse bojo, percebemos, nos últimos anos, a possibilidade do retorno de muitas doenças que há décadas estavam erradicadas (como o sarampo e a poliomielite), ao mesmo tempo em que diminui a cobertura vacinal da população. Porém, observamos que a posição negacionista (especificamente aquela referente ao uso de vacinas) não é exclusiva do campo fundamentalista religioso, uma vez que o espectro político da extrema-direita é bem mais amplo.

Considerando essas questões, é oportuno destacar a posição política assumida durante as pregações das lideranças evangélicas. Os fiéis mantêm com os pastores uma relação de absoluta confiança, algo que é verificado nos aconselhamentos e nas orientações espirituais, mas atualmente temas políticos estão cada vez mais presentes nas pregações religiosas. Mas essa questão será melhor analisada na subseção a seguir.

6.2 Teologia da Prosperidade e o Impacto da Pregação Política nos Cultos

Mariano (2014) destaca seis pontos em comum entre todas as tendências pentecostais (pentecostais clássicos, deuteropentecostais e neopentecostais): a) antiecumenismo; b) organização das Igrejas centradas nas figuras de líderes fortes; c) necessidade de uso extensivo dos meios de comunicação de massa; d) do apelo/estímulo à expressividade emocional nos cultos; e) da participação ativa na política partidária e f) pregação da cura divina.

Percebe-se que a teologia da prosperidade coloca a política no horizonte de suas prioridades. E isso implica aumento da representação política nas diferentes esferas de poder e a interferência, inclusive, em pautas do executivo, legislativo e judiciário por meio da concepção de um Estado Teocrático, que é uma das questões que estão no bojo da teologia do domínio (irmã siamês da prosperidade).

Nessa direção, os fiéis sofrem forte influência da liderança espiritual na igreja a que congregam, especialmente no que concerne à posição política que devem assumir e que quase sempre coincidem com pautas e projetos vinculados à direita e extrema-direita brasileira e mundial.

Os participantes da pesquisa empírica informaram que quase sempre seguem a recomendação do pastor no que concerne às questões políticas. No que tange às eleições proporcionais (que elegem vereadores, deputados e senadores), a influência da liderança religiosa é de 100% dos entrevistados. Nas eleições majoritárias, apenas 30% (que elegem governadores e presidente da república) não seguem a orientação do pastor.

Os partícipes da pesquisa empírica também se manifestaram sobre a preferência política. 7 (sete) deles informaram que geralmente seguem à risca a orientação do pastor. Já 2 (dois) seguem em parte e 1 (um) não se orienta pela posição que o pastor orienta. Conforme analisam Ferreira; Fuks (2021), o hábito de frequentar cultos funciona como mecanismo de mobilização eleitoral, pois “O fundamento teórico de tal expectativa reside no fato de que aqueles que têm o hábito de frequentar a igreja estão mais expostos às mensagens políticas de suas lideranças religiosas e sofrem maior pressão do grupo” (FERREIRA; FUKS, 2021). Os fragmentos a seguir, expostos no Quadro 2, evidenciam o nível de confiabilidade no pregador no que se refere a

Quadro 2 – Nível de confiança no Pastor

Nº	Respostas
FIEL 01	Confio totalmente.
FIEL 02	Confiança absoluta.
FIEL 03	Meu pastor me representa.
FIEL 04	Confio e assino embaixo.
FIEL 05	Confio totalmente.
FIEL 06	Não tenho motivos pra duvidar dele.
FIEL 07	Sempre tem comentários certos.
FIEL 08	Confio 100%.
FIEL 09	Desconfiança zero.
FIEL 10	Confio totalmente.

Fonte: JÚNIOR, RS, et al., 2026.

Devemos considerar que as lideranças religiosas desfrutam de alta credibilidade diante dos teístas e são vistas como líderes de opinião (FERREIRA; FUKS, 2021). Os fiéis, logo, confiam, sem muito titubear, nas mensagens políticas proferidas durante as pregações, o que nos permite inferir que essa confiança absoluta no pregador representa um poderoso instrumento indutor de votos e algo quase determinante na escolha de seus representantes políticos nas diferentes esferas de poder.

Inferimos que há um elevado nível de confiança na liderança religiosa. É estabelecida uma relação de fidelidade e cuja desconfiança quase inexistente. Como desconfiar de alguém que diz que fala em nome de Deus? Em grande medida, a confiança inabalável na liderança religiosa enseja o caminho para a influência religiosa que ela passa a exercer sobre seu rebanho.

De omnibus dubitandum est (duvidar de tudo) seria o método inicial indicado por Marx (2004) para se alcançar o conhecimento científico. Esse postulado nos impõe um imperativo, o da crítica radical enquanto método. E essa questão nos impele à dúvida sistemática, inclusive daqueles que se colocam na condição de representantes do Deus cristão ocidental.

Abdicar da dúvida, enquanto método nos permite o questionamento sistemático de todas nossas crenças e que visa nos permitir um saber livre de uma pseudoverdade. No entanto, o elevado nível de confiança no pastor dificulta desconfiar de suas narrativas, ainda que a realidade concreta deponha contra elas.

16

Considerando que dos 10 (dez) entrevistados 8 (oito) se orientam politicamente no campo da direita, pois, segundo eles, é a posição política do Pastor e sempre acompanham a orientação dele nas eleições proporcionais e majoritárias. Por outro lado, apenas 2 (dois) disseram que seguem o pastor apenas na escolha do candidato às eleições proporcionais, pois na escolha do candidato das eleições majoritárias tendem a votar em candidatos da esquerda.

Mas fica perceptível, o poder da influência da liderança religiosa na orientação política sobre os fiéis. Tendo em vista apenas a escolha da representação parlamentar nas eleições proporcionais o percentual todos escolhe o candidato indicado pelo Pastor, o que não espanta, pois a frente evangélica na Câmara dos deputados federais em Brasília é a segunda maior do país. Estamos diante de uma configuração alienada da vida (ADORNO, 1993), algo que torna imperativo identificar e interpretar quais as condições que impactam na produção da subjetividade da existência.

Assim, o avanço da teologia da prosperidade e hoje da teologia do domínio expõem declaradamente o interesse político na criação de um Estado Teocrático, o horizonte político

dessas teologias. Não se trata mais apenas de ganhar almas, mas de ocupar o poder político tendo por base a institucionalização de um Estado teocrático onde todos sejam subservientes aos preceitos de uma única orientação religiosa, pois nessa visão o Brasil é do Senhor Jesus. E esse projeto político necessita da dominação pela estultificação das consciências.

Era o tempo em que crente não devia se envolver com a política. O fiel de hoje é posto como serviçal, esteio e apêndice de um projeto de dominação que coloca os indivíduos como fantoches de um projeto de dominação social, política e econômica do qual nem desconfiem das condições objetivas e subjetivas que aprisionam suas consciências e existências. Escapar é difícil, mas dialeticamente possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, parte expressiva do segmento evangélico (e certamente boa parte dos católicos que se posicionam politicamente mais a direita) manifesta apoio irrestrito ao expoente da extrema direita nacional, Jair Messias Bolsonaro e que também expressam grande simpatia pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, grande referência do supracitado ex-presidente da república do Brasil.

Desse modo, o crescimento do neopentecostalismo emerge um alerta para sociedade, isso ocorre por conta das ideologias perpetuadas nesse âmbito, especialmente, a Teologia da Prosperidade, sobretudo quando grande parte de igrejas vinculadas a essa teologia transformam seus templos em palanque político e espaço de disseminação de preceitos vinculados a extrema direita brasileira.

A capacidade de difusão de informações a partir de algumas estratégias, como as mídias e a confiança nas lideranças religiosas, são modelos de legitimação no interior desses grupos religiosos. Podemos constatar a comercialização da fé e a busca incansável pela prosperidade, pois não há uma devoção divina, há uma devoção material, além de ser um projeto bem definido que contribui para a cooptação de mais adeptos.

O discurso sedutor e afetuoso de líderes acentua a representatividade desses atores na vida não só religiosa de seus fiéis. A capacidade de influência que esses sujeitos exercem possibilita a perda crítica e autônoma de seu seguidor em tomadas de decisões no âmbito social, à exemplo disso, a pesquisa empírica realizada nesse artigo corrobora a confiança dos fiéis nesses atores e o grande domínio de suas consciências e de sua estultificação.

Em meio a essa discussão, é evidenciado que o grande perigo dessa estultificação das consciências seria a perda do sujeito ativo em sociedade, isso foi comprovado a partir da associação da teologia da prosperidade com a dominação das consciências. A perda da criticidade e autonomia torna-se um campo fértil para a manutenção de ideologias conservadoras e de classe que foram construídas ao longo da história, a passividade ganha espaço na atual conjuntura, tendo como efeito a alienação da própria realidade, se a religião é fuga da criatura oprimida, ela se torna produto da sociedade capitalista.

Por fim, a pesquisa aqui apresentada e seus resultados apontam algumas sendas: a teologia da prosperidade reproduz sua dominação ao estultificar as consciências de seus seguidores. No entanto, entendemos que se trata de uma investigação de natureza qualitativa que apresenta limitações em razão da delimitação e do recorte amostral estabelecido, o que sugere a possibilidade de novas investigações, utilizando outras possibilidades de recorte e ensejando reflexões que complementam, corrijam ou aprimorem as que foram apresentadas nesse artigo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1993.

ALMEIDA, Ronaldo; GUERREIRO, Clayton. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. *Religião na pandemia*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, 2021, p. 49-73.

BOTERO, Andrés; AGUIRRE, Javier; ALMEYDA, Juan. Neopentecostalismo, teología de la prosperidad y neoliberalismo. *Hacia una lógica religiosa para el Homo oeconoimicus*. Entramado, Cali, v. 19, n. 2, 2023, p. 1-17.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário oficial da união*, Brasília.

CAMPOS, Leonildo. A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). *Lusotopie*, France, n. 6, 1999, p. 355-367.

CAMPOS, Nathally; VIEIRA, Roberta. A persuasividade no discurso religioso. *Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação*, Blumenau, v. 8, n. 1, 2014, p. 39-54.

CAMPOS, Roberta; NERI, Raoni. Religiões Afro-Indo-Brasileiras e Esfera Pública: um ensaio de classificação de suas formas de presença. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, 2020, p. 135-155.

CHAGAS, Eduardo. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 40, n. 4, 2017, p. 133-154.

DE ALMEIDA, Flávio; MOREIRA, Reinaldo. Neopentecostalismo e teologia da prosperidade: história e implicações no Brasil contemporâneo. In: DE ALMEIDA, Flávio Aparecido (organizador). *Ciências das Religiões: uma análise transdisciplinar*. São Paulo: Científica Digital, 2021. p. 115-123.

DIAS, Emily; ROMANCINI, Richard. Teologia da prosperidade 2.0: neoliberalismo, religião e comunicação digital no Dumanis Movement. *Líbero*, São Paulo, v. 25, n. 51, 2022, p. 144-164.

FARIAS JÚNIOR, Raimundo. Deus ou Bolsonaro acima de tudo? Pentecostais e neopentecostais nas manifestações antidemocráticas de 2022. *Davar Polissêmica*, v. 17, n. 1, 2023, p. 70-86.

FARIAS JÚNIOR, Raimundo; BRAZ, Lana; MORAES, Lienne. A teologia do Domínio em igrejas neopentecostais da região Metropolitana de Belém: a construção social de simulacros entre religião e Política. *Revista Reflexus*, Vitória, n. 1, 2025, p. 13-31.

FERREIRA, Matheus; FUKS, Mario. O hábito de frequentar cultos como mecanismo de mobilização eleitoral: o voto evangélico em Bolsonaro em 2018. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 34, 2021, p. 1-27.

GARRARD-BURNETT, Virginia. A vida abundante: a teologia da prosperidade na América Latina. *História: questões e debates*, Paraná, v. 55, n. 2, 2011, p. 177-194.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LE MOS, Carolyne. Teologia da prosperidade e sua expansão pelo mundo. *Espaço Teológico*, São Paulo, v. 11, n. 20, 2017, p. 80-96.

LIMA, Diana. “Trabalho”, “mudança de vida” e “prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, 2007, p. 132-155.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARIZ, Cecília. Perspectivas Sociológicas sobre o Pentecostalismo e o Neopentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*, v. 3, n. 13, 1995, p. 36-53.

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner*, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

OLIVA, Alfredo. O discurso sobre o mal na Igreja Universal do Reino de Deus: uma história cultural do Diabo no Brasil contemporâneo (1977-2005). 2005. 276f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Programa de pós-graduação em história social. São Paulo, 2005.

OLIVEIRA JUNIOR, Francisco Kennedy de. Práticas de “exorcismo” na Igreja Universal do Reino de Deus no Rio de Janeiro, durante a década de 80. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Piauí. Piauí, 2021.

OLIVEIRA, Cida. Violações de Bolsonaro em meio à covid-19 são denunciadas na OEA. São Bernardo dos Campos: Rede Brasil Atual, 2020. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/violacoes-do-bolsonaro-em-meio-a-covid-19-sao-denunciadas-na-oea-4c6c>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PENA, Anderson; ZIENTARSKI, Clarice. Cristianismo de libertação, teologia da prosperidade e as perspectivas da luta de classes no Brasil. Revista brasileira de educação, Rio de Janeiro, v. 27, 2022, p. 1-25.

PINI, André; NOBRE, Fábio; DE MENEZES, Maria. O neopentecostalismo no Brasil e a convergência com a ultradireita no populismo reacionário de Jair Bolsonaro. Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais, Paraíba, v. 11, n. 21, 2023, p. 1-16.

PIZZI, Jovino. As religiões e o modus operandi neoliberal: A fé como produto à la carte. Conjectura: Filosofia e Educação, Caxias do Sul, v. 26, 2021, p. 1-25.

SUNG, Jung. Mercado religioso e mercado como religião. Horizonte, Minas Gerais, v. 12, n. 34, 2014, p. 290-315.